



EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E ESTÁGIO EM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: SOCIALIZAÇÃO E VIVÊNCIA ATRAVÉS DE PRÁTICAS LÚDICAS DE LEITURA

Anne Aparecida Pereira Bandeira
Alane Melo Fernandes
Isabella Araújo Silva Mendes Domingues
Taís Gabriela de Souza Fogaça¹
UNEB *campus* XII

Eugênia da Silva Pereira²
UNEB *Campus* XII

Resumo: Este texto apresenta e discute uma experiência de Pesquisa e Estágio Não Formal do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XII, realizado no Abrigo Institucional de Crianças e Adolescente de Guanambi, Bahia. O objetivo é refletir sobre as vivências, desafios e aprendizagens que ocorreram durante a experiência de Pesquisa e Estágio, descrevendo a instituição e suas práticas educativas com base na fundamentação de autores que debatem sobre a educação em diversos espaços, dando enfoque na educação não escolar. Descrevemos também as impressões vivenciadas, o papel do educador social e do pedagogo, a importância da presença desse profissional nos diversos espaços e, por fim, relatamos as aprendizagens e reflexões que a pesquisa e estágio nos proporcionaram a partir do Abrigo Institucional. As considerações apontam sobre a ampliação da nossa visão como pedagogas, bem como a compreensão do conceito de educação entendida para além do espaço escolar. Concluímos que o estágio enquanto pesquisa contribuiu para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva no nosso processo de formação e deixou marcas positivas na nossa trajetória, nos preparando para lidar com diversas situações, e desse modo procurar a maneira mais coerente para solucionar os problemas que surgirem no nosso campo de atuação.

Palavras-chave: Educação não formal. Leitura. Pesquisa e Estágio.

Introdução

Este texto tem o objetivo de discutir sobre a experiência de Pesquisa e Estágio no Abrigo Institucional para Crianças e Adolescentes de Guanambi, Bahia, realizado pelas alunas do 5º semestre de Pedagogia, como requisito do componente curricular Pesquisa e Estágio em espaços não formais, pela Universidade do Estado da Bahia, *Campus* XII. Nesse espaço se fez necessário um olhar de pesquisadoras que nos possibilitou identificar algumas possibilidades de intervenção. Compreende-se a instituição como espaço não formal, onde se faz presente a

¹ Graduandas do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII. E-mail: annepereira59@hotmail.com, lanemellopedagogia@gmail.com, isabellamendes130@gmail.com, tais.gabrielacba36@gmail.com.

² Mestra em Educação do Campo pela UFRB. Professora Substituta da UNEB Campus XII. Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE). E-mail: eniagbi@hotmail.com

educação, que, segundo Brandão (1993), acontece em todos os espaços, na troca de experiência entre os sujeitos.

Ao observar a falta de interação de algumas crianças, bem como as dificuldades na leitura e escrita, desenvolvemos o projeto de intervenção voltado para a vivência de práticas de leitura a partir de atividades lúdicas que proporcionaram a socialização entre crianças e adolescentes. Além disso, o espaço não dispõe de um profissional com formação adequada, ou seja, o pedagogo para auxiliá-los nessas demandas, que é de suma importância para diminuir problemas relacionados à leitura e escrita. Neste sentido, a metodologia utilizada partiu da observação do espaço e coparticipação com os sujeitos, posteriormente elaboramos o projeto de intervenção e durante todo o percurso utilizamos o diário de campo para anotar as reflexões que foram sistematizadas ao final neste relato em forma de artigo.

Assim, este artigo traz as reflexões a partir das experiências vivenciadas no período de pesquisa e estágio, discorrendo sobre os desafios e aprendizagens que ocorreram desde as discussões sobre o conceito de educação, ao momento de observação e intervenção. O texto foi organizado de modo a discutir inicialmente as concepções de educação em diversos espaços; em seguida, o papel do educador social e pedagogo nos espaços não formais, e, por fim, relatamos a experiência, as aprendizagens e reflexões suscitadas.

A educação nos diversos espaços: das práticas informais às formais e não formais

A educação assume várias facetas e percorre por vários âmbitos, contribui para a formação e socialização dos indivíduos, e é essencial para que assumam papéis transformadores na sociedade. De acordo Libâneo (2002, p.26), educação é um “Fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares institucionalizados ou não, sob várias modalidades”. Diante disso, a educação não ocorre somente no ambiente escolar, pois está presente na troca de saberes entre gerações. Nesta perspectiva, a educação pode ser denominada como informal, formal e não formal. Essa tripartição é uma terminologia que se ampliou e é uso comum na linguagem pedagógica. Para Gohn (2014, p.16, grifos nossos),

Em princípio podemos caracterizar a **educação formal** como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a **educação não formal** é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a **educação informal** como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.).

Essas concepções devem abranger todo o universo da educação. Entre elas, a educação não formal a qual se dará maior ênfase neste artigo, pois o estágio foi realizado em um espaço não formal. O espaço escolhido se caracteriza como não formal por apresentar intencionalidade voltada para a formação do cidadão, tanto em ações coletivas como individuais ocorridas no cotidiano. Gohn (2014, p.40) aponta que a educação não formal

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagens e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais.

A educação não formal nunca ocorre de forma natural, mas através da troca de saberes entre os sujeitos e durante esse processo apresenta suas intencionalidades e aprendizagens políticas, capacitação para o trabalho através do desenvolvimento das habilidades e potencialidades, tornando os sujeitos capazes de se organizarem em trabalhos comunitários com o intuito de solucionar problemas.

Portanto, a educação não formal é um instrumento essencial na formação do indivíduo no exercício de sua cidadania. No campo da juventude esta se considera mais relevante quando desenvolvida em ambientes de vulnerabilidade, como, por exemplo, em instituições e abrigos para crianças e adolescentes ou comunidades carentes, favorecendo a inclusão e o resgate cultural desses, potencializando seus conhecimentos. Importante salientar que esta concepção de educação não substitui a escola, ela agrega novos elementos para a convivência social, política e cultural.

Nesse processo, o papel do Educador Social é de extrema relevância, desde que atue de forma interativa e instigue a participação dos grupos de forma dinâmica e qualificada, devem dispor de metodologias, instrumentos e fundamentação teórica para desenvolver suas atividades. Na interação com o grupo o educador aprende ao mesmo tempo em que ensina, visto que haja o diálogo em consonância com as atividades propostas, sua prática deve buscar sinalizar os cenários futuros para que possibilite transformações. Nesse sentido, Gohn (2009.p.34) afirma que o educador social é quem atua com uma proposta educativa em uma comunidade de forma produzir “saberes a partir da tradução de culturas locais existentes, e da reconstrução e ressignificação de alguns eixos valorativos, tematizados segundo o que existe,

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



em confronto com o novo que se incorpora”. O educador social nesses espaços deverá ser fio condutor entre todas as práticas culturais existentes naquele grupo, ressignificando-as e incorporando novos saberes.

Pesquisa e Estágio no Abrigo Institucional de Crianças e Adolescentes de Guanambi

A experiência de Pesquisa e Estágio foi realizada no Abrigo Institucional para Crianças e Adolescentes de Guanambi, no período de outubro a novembro do ano de 2018. Há três anos o Abrigo vem sendo mantido pelo poder público do município e tem o objetivo de acolher, proteger, e cuidar das crianças e adolescentes em situações de risco que estão envolvidas em processos judiciais, como questões de adoção, guarda ou a decisão de voltar para o seio familiar. Caso se esgote todas as possibilidades elas poderão permanecer até os 18 anos na instituição. O espaço antes era denominada “Casa de Passagem” com o atendimento voltado apenas para crianças e durante 15 anos teve suporte financeiro de órgãos não governamentais e da sociedade civil.

No período de realização do estágio estavam abrigados 24 crianças e adolescentes, sendo 13 meninos e 11 meninas, com faixa etária entre 2 a 16 anos, oriundos de situação de vulnerabilidade social, de classe extremamente baixa, e em muitos casos, a família não assumiu o seu papel, sendo necessária a adoção de medidas de proteção pelos órgãos competentes.

A instituição é bem estruturada e organizada, contendo quartos, sala de televisão, sala de visita, banheiros, cozinhas, refeitório, escritórios, sala de atendimento e um amplo pátio com parque. Tem funcionamento contínuo, pois os envolvidos moram na casa, frequentam a escola e contam com uma equipe de funcionários que trabalham entre escalas de plantões. As cozinheiras responsáveis pela alimentação, as cuidadoras que acompanham as crianças, para levarem a escola, na hora do banho, entre outras atividades, técnicas de enfermagem que cuidam dos acamados, as faxineiras, além do motorista, o psicólogo, assistente social e a coordenadora que é responsável pela parte administrativa da casa. Apesar dessa infraestrutura, a coordenadora da casa nos relatou que há necessidade de algumas mudanças no espaço físico, pois antes só atendiam crianças e agora já recebem adolescentes e no espaço de convivência ocorrem alguns desentendimentos entre eles. Outra questão apontada se remete aos dormitórios e banheiros, por estar localizada na mesma ala, em que se faz necessário a presença de uma cuidadora no intuito de evitar situações de constrangimento envolvendo as crianças e adolescentes. Acerca da acessibilidade a casa dispõe de uma rampa de acesso para

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



cadeirantes e banca para o banho, que possibilita o atendimento dos que necessitam desse serviço.

O abrigo é um espaço democrático, onde são desenvolvidas atividades individuais como coletivas. Algumas dessas são elaboradas pelo psicólogo, que trabalha na própria instituição, há atividades externas, como o serviço de convivência, que as crianças e adolescentes participam no turno oposto ao da escola. Também tem parcerias que dispõe de serviços de saúde, como fonoaudiólogo, psiquiatra, entre outros.

Durante o período de observação, no primeiro momento foi possível identificar que as crianças e adolescentes tem a rotina de uma casa “comum”, isso se nota nas formas de brincar, quando estão em horário de lazer preferem brincar de maneira isolada. Acreditou-se que esse seria um impasse para envolvê-los de forma dinâmica nas atividades propostas. Outro fato marcante foi perceber que a maioria das crianças e adolescentes da instituição apresenta comportamento agressivo, devido a situação vivenciada no seio familiar anteriormente, que se repercutem nas ações cotidianas, o que em muitos momentos nos deixavam paralisadas, sem saber como agir. A questão identitária também nos chamou atenção, pois em alguns relatos nota-se a dificuldade quanto ao pertencimento e aceitação principalmente das crianças negras. Diante das observações descritas, foi elaborada uma proposta de intervenção no intuito de tentar amenizar dificuldades de leitura e escrita, desse modo, foram desenvolvidas atividades como: contação de histórias com cunho de valorização identitária, dinâmicas que tinha como temas centrais a coletividade, respeito com o próximo, cuidado e ações que usavam evidenciar a importância de cada um se aceitar e se amar como é independente das diferenças, filme, leitura de imagens, diversos tipos de jogos, tabuleiro de sílabas, para formação de pequenas palavras, as crianças participaram de todas as atividades propostas, pois ficavam curiosas, devido a diversidades metodologias e recursos utilizados nesse período.

A principal dificuldade observada no período de estágio foi à dificuldade de leitura e escrita, pois em conversas com a coordenadora, o psicólogo e a assistente social da instituição, relataram que muitas das crianças só passam a frequentar a escola, após chegarem ao abrigo, o que fortalece a dificuldade no processo de aprendizagem. Pensando nisso o projeto de intervenção foi elaborado com foco na leitura, em consonância com todas as dificuldades encontradas. Apesar do período de intervenção ter sido muito curto para obter resultados positivos para o desenvolvimento da leitura, foi perceptível que ao decorrer da intervenção as crianças e adolescentes tiveram um avanço progressivo, tanto no que se trata



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



da codificação e decodificação das letras e palavras, como na leitura de desenhos, criação de histórias dentre outros.

Considerações finais

O Estágio nos possibilitou vivências com realidades diversificadas nos preparando para lidar com situações cotidianas, muitas crianças e adolescentes apresentam dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, tanto no campo psicológico como social, advindas de traumas vivenciados, que exige um olhar sensível do educador social e, algumas vezes, pulso firme, para não perder o controle da situação. Adquirimos maturidade, equilíbrio e empatia, nos preparando para propor mudanças na realidade das crianças e adolescentes que vem de situação de vulnerabilidade, ajudando-os a resgatar a autoestima, fazendo com que se sintam importantes e parte da sociedade.

Na condição de futuras pedagogas, o olhar sensível é essencial uma vez que o profissional poderá vim a atuar em diversos espaços, e ser capaz de identificar problemas envolvendo o público na qual atuará e assim desenvolver atividades partindo das dificuldades, se necessário procurar parcerias com outras instituições que atendam essas demandas específicas, no intuito de propor um diálogo com todos os envolvidos, na busca de melhorias no que concerne aos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação - CNE. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP n 3/2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em pedagogia, homologado pelo MEC em 21 de fevereiro de 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, aprendizagem e saberes em processos participativos**. n°1, p.35-50, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social**.v.1, n.1, p.28-43, jan./abr.2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos para que?** São Paulo: Cortez, 2002.